



**Ageu Cavalcante é
biografado por Carla
Monteiro**

**Senador Wilder ataca,
com projetos, o desperdício
de água tratada**



CERRADO

Goiânia, TERÇA-FEIRA, 15 de agosto de 2017

   /wildermorais



SHAKESPEARE
O MAIOR ESCRITOR
DE TODOS OS
TEMPOS

Ninguém conheceu melhor a natureza humana



Ator escocês David Tennant, dirigido por Gregory Dora, interpreta "Hamlet", de Shakespeare (2008). O dramaturgo escreveu uma profusão de dramas, tragédias e comédias, sendo que pelo menos vinte e quatro dessas obras são consideradas obras-primas

J. C. GUIMARÃES

O crítico literário francês George Steiner é da opinião de que Tolstói e Dostoiévski "são os primeiros dentre os romancistas." Diante disso, é curioso o fato de os dois autores russos não terem sido contemplados por Harold Bloom como tal. Dostoiévski nem mesmo entrou na lista que o crítico americano lançou dos 26 maiores escritores desde Dante Alighieri, referência disponível que conhecemos de cânone literário. Já ninguém discute que eles são tão clássicos quanto Homero ou Cervantes, e que sua universalidade é irrestrita. O que pretendo que o leitor observe é que em tais casos, como em muitos outros, falta consenso entre os críticos. A partir de um certo nível as grandezas – reduzidas a poucas dezenas – são tão exponenciais que não altera muito o que um ou

outro especialista pensa a respeito delas, contra ou a favor. Isso tornaria ciosa a dúvida sobre a existência ou não, entre os maiores titãs literários de todos os tempos – digo, entre Hugo e Goethe, entre Dickens e Joyce, entre Proust e Dante etc. – de um único autor que se possa considerar o maior de todos. Será mesmo?

Em se tratando de literatura, a resposta tem sido a mesma para comentaristas importantes, e creio que já é momento de encarar esse fato: talvez ele não seja, então, apenas uma ociosidade. Tanto Erich Auerbach quanto Ernest Robert Curtius, em grandes obras que publicaram, elogiam de modo tão extasiado a arte de Dante que Dante – o primeiro dos poetas modernos – bem poderia ser o nome. Ao menos em "Mimesis" e "Literatura europeia

e Idade Média latina" não há registro de nenhum julgamento definitivo, a esse respeito. Curtius lembra que, a partir do século XVIII, passou-se a admitir a supremacia de três nomes: o próprio Dante, Shakespeare e Goethe. Será possível ir ainda além dessas preferências já tão restritas? Independente da resposta, o nome procurado já integrava esta lista, posta em circulação pelo Romantismo.

O título original deste ensaio era uma pergunta: É ou não é o maior dos escritores?, questionamento que é, também, um trocadilho mal disfarçado. Se a resposta for "sim", boa parte dos que me leem pensará automaticamente no artista que eu imagino, sem que fosse necessário tê-lo identificado por antecipação. Apesar do termo "escritor" parecer muito gê-

nerico para caracterizá-lo – e ao mesmo tempo restritivo, uma vez que alude à prosa – concorda-se afinal que não é inteiramente errado, graças à natural aceitação de suas obras em forma de livro e consequente consagração cultural entre os leitores. O leitor a que me refiro tem de ser de um grupo especial, familiarizado com a grande ficção: a que se baseia fundamentalmente na densidade moral e psicológica dos personagens; um conceito possível, enfim, de alta literatura. Entre tais leitores sobressaem escritores e críticos renomados, e a seguir vou evocar alguns na qualidade de testemunhas, com a finalidade de satisfazer o inquérito proposto.

Harold Bloom conquistaria o papel de fiel escudeiro do cavalheiro em questão, cuja centralidade canônica se

basearia no domínio de uma tal "psicologia da mutabilidade", tão poderosa como um buraco negro, de cuja força gravitacional muitos não conseguiram escapar, desde então. Ninguém, segundo Bloom, igualou este homem como psicólogo, pensador e retórico, a ponto de Ludwig Wittgenstein confundir-lo com o próprio pensamento! Afirmarções desse nível em sequência, sobre um único autor entre dezenas, a priori tão eminentes, são propensas a gerar desconfiança. Afinal, para muitos entendidos as perguntas fundamentais da crítica agonística – menos quê? igual a quê? maior quê? – podem soar pretensivas e antipáticas.

Há muitas grandezas nos domínios da linguagem para acreditarmos que uma única se sobressai a todas as outras: quem acreditaria realmente que Freud, Platão e, é claro, Dante não foram tão longe na sondagem da natureza humana? Pode-se contemporizar dizendo que o crítico novaiorquino é apenas um polemista, turvado em seu juízo por um pathos exagerado. Surpreendentemente acabamos descobrindo, após diversificar nossas leituras, que as opiniões pessoais de Bloom não alteram em nada o fato aludido: elas constituem uma defesa dispensada pela tradição. Já é mesmo uma tradição chancelar o nome em vista, de maneira que Bloom nada acrescenta a respeito, senão uma boa fundamentação teórica. Deparamos o tempo todo com uma legião crescente de advogados para sustentá-la, com ímpeto às vezes equivalente.

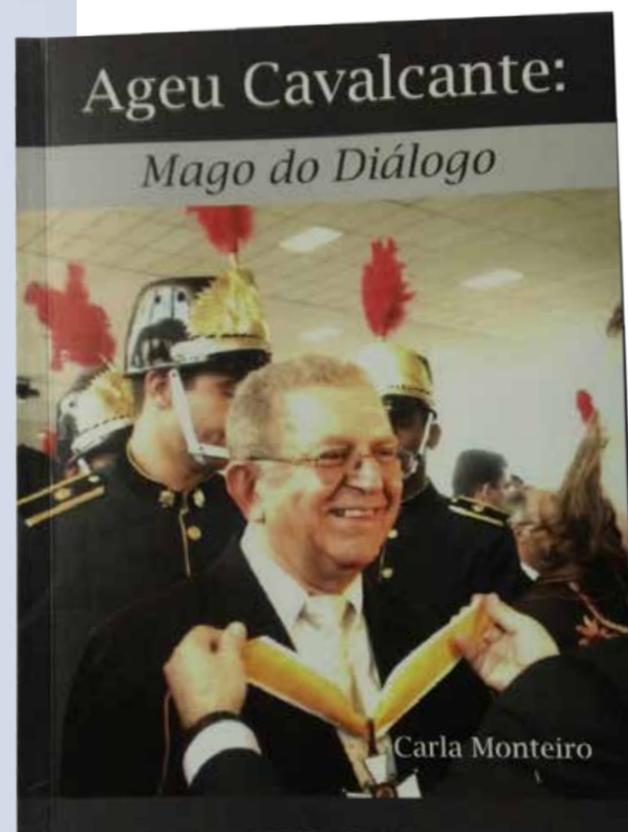
Por outras palavras, não precisamos das fervorosas vindicações de "O cânone ocidental" para concordar que estejam mesmo cobertas de razão: Shakespeare é, sim, o maior escritor – além de dramaturgo e poeta – que a humanidade produziu.

Excerto do ensaio "Testemunhas da grandeza", do livro "Uma idade para ser eterno", de J. C. Guimarães

BIOGRAFIA

Ageu Cavalcante, uma história, um trajetória uma biografia

FOTO: WWW.MINHATUPI.COM.BR/

**Acima:**

Livro do jornalista Carla Monteiro. a autora remonta a estrutura psicológica do protagonista, ao longo da história, tornando-a tão singular como paradoxalmente similar a momentos da história política nacional do Brasil.

A jornalista Carla Monteiro lança em Goiânia a biografia "Ageu Cavalcante: Mago do Diálogo". Autora e biografado estarão presentes na noite de autógrafos, que acontece nesta quarta-feira (16), a partir das 19 horas, na Sala Dona Gerçina Borges, do Palácio das Esmeraldas.

A renda aferida com as vendas será revertida na integralidade para a Vila São Cottolengo. A obra passeia pela história de Ageu Cavalcante Lemos, passando por polêmicas e desnudando alguns bastidores da política e do sindicalismo, além de visitar períodos doloridos da existência do protagonista, como a doença e

a morte da companheira de quase meio século de vida conjugal, Francisca Maria.

A produção do livro ficou a cargo da Agência Contato Comunicação, do jornalista e Publisher Iuri Godinho. Das 366 páginas do livro, cuja apresentação é realizada pelo governador Marconi Perillo, 248 páginas descrevem, além da vida de Ageu Cavalcante, um nordestino do Piauí, que desembarcou em Goiânia em 1960, aos 18 anos de idade, a sua paixão em estar em contato com pessoas e suas realidades.

Moderado por natureza, descobriu no sindicalismo a mais poderosa e prática ferramenta de

ajuste contra vícios abusivos do capitalismo. A narrativa está seccionada em quatro fases congruentes de vida – a descoberta de horizontes além da terra natal (Corrente/PI), o sindicalismo, a política e a vida pessoal (pai, marido e conterrâneo). Os fatos são alinhavados com base em uma ótica muito particular e emotiva do biografado.

A vida do personagem, suas complexidades e seu particular modo de encarar desafios e adversidade reforçam uma personalidade mercurial. Entretanto, essa mesma individualidade se mostra disposta a se concentrar em confabulações tolerantes que resultem nas melhores

condições ao coletivo.

Para isso, a autora remonta a estrutura psicológica do protagonista, ao longo da história, tornando-a tão singular como paradoxalmente similar a momentos da história política nacional do Brasil. O resultado é um livro que apresenta um ser humano determinado e pragmático, que sempre se negou às encenações, o que transformou em referência a diversas pessoas, apesar de pertencerem a campos políticos distintos.

Metódico, aficionado por organização e conhecimento, Ageu Cavalcante é tido como leal, mas, também, capaz de dizer não a qualquer

um que renegue virtudes básicas e o direito ao bem-estar coletivo.

Aos 75 anos de idade (em 2017), dos quais 57 anos em Goiânia, onde por 54 anos se dedicou ao sindicalismo e 22 anos à política, o filho de João Lemos Paraguassú e Dalva Cavalcante Lemos continua com a mesma ansiedade e irreverência dos anos de 1960,

Por outro lado, conserva a convicção de que "não desperdiçou o seu tempo com bobices", considerando o discurso do pai. Ao contrário. Fez de tudo para triunfar e ainda investir em si, como forma de se tornar uma pessoa melhor a cada dia.

SANEAMENTO

Wilder defende medidas para evitar desperdício de água tratada



JOÃO CARVALHO

O Brasil vive hoje um dilema: em muitas áreas do País faltam investimentos em obras que assegurem fornecimento de água tratada e, em outras, onde esse serviço já existe, as concessionárias convivem com o dilema das perdas. Cerca de 40% da água tratada no País é desperdiçada.

Diante dessa situação, o senador Wilder Moraes (PP) tem apresentado projetos que, uma vez aprovados e executados, poderão melhorar esses indicadores relativos ao uso da água, reduzindo os índices de desperdício.

O senador informa que as empresas de saneamento em todo País gastam muitos recursos

diariamente para o tratamento da água, no entanto, mas cerca de 40% da água é desperdiçada. “Essa é uma realidade inaceitável em um país com tantas diferenças regionais e a necessidade de fazer investimentos. Não podemos aceitar o desperdício”, pede o senador.

Segundo Wilder, o Brasil carece de recursos para universalizar os serviços de água e esgoto e desperdiça na outra ponta a água que é tratada e colocada para consumo. A água e o dinheiro estão, literalmente, saindo pelo ralo”, lamenta.

Em Goiânia, por exemplo, como avalia o senador Wilder Moraes, nesse período de longa estiagem, é comum faltar água em

determinadas regiões da cidade, ainda que campanhas e mais campanhas sejam veiculadas pedindo ao consumidor que economize mais para não faltar.

Entre os projetos apresentados no Senado, Wilder destaca o que dispõe sobre a obrigatoriedade da implantação de sistemas de coleta, armazenagem e uso de águas pluviais e de reuso de águas residuais em edificações executadas com recursos da União e também o projeto que altera a Lei nº 11.445, de 5 de janeiro de 2007, que estabelece diretrizes para o saneamento básico e permite criar incentivos ao uso moderado da água tratada e ao aproveitamento de águas

pluviais e de reuso.

Outra iniciativa do senador Wilder Moraes prevê alteração na Lei nº 12.787, de 11 de janeiro de 2013, para incluir na Política Nacional de Irrigação a promoção do uso racional dos recursos hídricos. “São medidas importantes que o Congresso Nacional pode aprovar para melhorar nossos índices de aproveitamento de água, evitar o desperdício e ampliarmos os investimentos em áreas onde ainda os serviços não estão disponíveis”, garante.

Ainda de acordo com o senador Wilder, uma das saídas para se evitar o desperdício de água tratada é o Governo Federal dar estímulos aos municípios que reduzirem as

perdas. O senador lembra que na maioria das cidades as tubulações e estruturas estão velhas e simples alterações de pressão no abastecimento provocam rompimentos e desperdícios.

“Qualquer estímulo para os municípios sair mais barato do que assistirmos ao desperdício da água tratada sem fazer nada ou apenas agirmos depois que o problema foi identificado”, afirmou o senador.

Segundo Wilder, o Brasil não pode se acomodar pelo fato de ser o País que possui a maior quantidade de água doce potável do mundo sem tomar decisões que evitem o recorrente desperdício de água.